



O clássico que *venceu o tempo*



Em seus 39 anos de atividades, a **Armazém Companhia de Teatro** estreia nesta quarta-feira (5) **leitura contemporânea de Anton Tchekhov no CCBB RJ**, conectando **‘A Gaivota’**, obra escrita em 1896, às angústias do nosso século, da **ansiedade à busca por pertencimento**. Página 2

João Gabriel Monteiro/Divulgação



O diretor Paulo Moraes entende que um clássico permanece vivo por sua capacidade de produzir atrito, desconforto e conflito

Um clássico revisitado sem a menor reverência

Armazém Companhia de Teatro apresenta sua leitura para 'A Gaivota', de Anton Tchekhov, sem o menor desejo de trazer uma montagem engessada pelo sucesso do texto

No dia 17 de outubro de 1896, no Teatro Alexandrinsky, em São Petersburgo, Anton Tchekhov assistiu ao desabamento de sua própria peça. "A Gaivota" foi vaiada, provocou risos indesejados e fez o autor abandonar a sala no meio do espetáculo, jurando nunca mais escrever para o teatro. Dois anos depois, em 1898, um jovem chamado Konstantin Stanislavski remontou a obra num teatro recém-fundado em Moscou.

O sucesso foi tamanho que uma gaivota passou a figurar no emblema da casa — e o Teatro de Arte de Moscou nasceu ali.

Mais de um século e muitas e muita smontagens mundo afora, a gaivota do dramaturgo russo pouso no palco do Teatro II do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB RJ), sob os cuidados da Armazém Companhia de Teatro. A montagem, simplesmente intitulada "Gaivota" — sem o artigo, como quem dispensa formalidades —, tem direção de Paulo de Moraes e estreia nesta quarta-feira (5).

Fundada em 1987 em Londrina, no Paraná, a Armazém completa 39 anos de atividades ininterruptas em 2026. Radicada no Rio desde 1998, construiu uma linguagem própria, marcada pela centralidade do trabalho do ator e pela investigação das relações entre corpo, palavra, tempo e espaço. Há prêmios internacionais no currículo: o Fringe First Award, no Festival de Edimburgo, conquistado em 2013 e novamente em 2014, e o Coup de Cœur de la Presse d'Avignon, no mesmo ano. É uma das companhias mais longevas e respeitadas do teatro brasileiro.

"A Gaivota" é para o grupo a peça que melhor articula aquilo que define o dramaturgo russo: a recusa das grandes ações em favor dos conflitos íntimos e silenciosos. Em vez de heróis e batalhas, Tchekhov oferece frustrações co-

“Em 'A Gaivota', o que mais me atravessa é a necessidade humana de pertencimento. Mais do que reconstruir Tchekhov, nosso desafio é descobrir como essa gaivota continua nos observando hoje” **PAULO MORAES**

tidianas, amores não correspondidos, ambições que se esfumam. O não dito ganha protagonismo. Os silêncios pesam mais que os diálogos.

Ambientada numa propriedade rural às margens de um lago, a peça acompanha personagens movidos por desejos interrompidos e sonhos que esbarram na própria limitação. No centro estão Konstantin Treplev, jovem escritor que sonha transformar a linguagem teatral, e Nina, aspirante a atriz fascinada pela ideia de sucesso. Ao redor deles, figuras consumidas pelo desgaste emocional expõem a fragilidade dos vínculos humanos — Irina Arkádina, atriz consagrada e mãe de Konstantin; Boris Trigorin, escritor já estabelecido que se torna objeto de desejo; Masha, jovem que veste de luto a vida sem ter por quem chorar. Completam o quadro Dorn e Sórin, habitantes desse universo fechado onde todos amam quem não os ama.

Na montagem da Armazém, Jopa Moraes assume Konstantin e Lorena Lima interpreta Nina. Patrícia Selonk é Irina Arkádina; Bruno Lourenço, Trigorin; Isabel Pacheco, Masha. Fe Bustamante e Sérgio Machado completam o elenco como Dorn e Sórin. A dramaturgia da versão é assinada por Maurício Arruda Mendonça, Jopa Moraes e o próprio Paulo de Moraes, a partir da obra original — uma adaptação que, segundo o diretor, busca preservar o núcleo de Tchekhov sem tratá-lo como relíquia intocável.

“Um clássico não pode ser tratado com reverência. Ele permanece vivo justamente porque continua produzindo atrito, desconforto e conflito”, reflete Paulo de Moraes. “Em 'A Gaivota', o que mais me atravessa é a necessidade humana de pertencimento. Mais do que reconstruir Tchekhov, nosso desafio é descobrir como essa gaivota continua nos observando hoje.”

A dramaturgia tchekhoviana traz questões que poderiam ter sido escritas no tempo presente: ansiedade, necessidade de validação, crise de pertencimento, pressão por reconhecimento social e profissional. Numa época marcada pela exposição constante, pela competitividade e pela busca de visibilidade, os personagens de 1896 refletem angústias familiares. Konstantin quer revolucionar a arte e ninguém o leva a sério. Nina sonha com o palco e descobre que o sucesso cobra um preço que talvez não esteja disposta a pagar. Trigorin, já consagrado, vê a fama como armadilha tão sufocante quanto o anonimato.

Paulo de Moraes construiu sua trajetória na intersecção entre direção, dramaturgia e cenografia. Premiado ou indicado aos Prêmios Shell, Cesgranrio e APTR, entre outros, ele busca um teatro pensado a partir do jogo entre ator e espaço cênico.

SERVIÇO GAIVOTA

Teatro II do CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro) 5/8 a 13/9, quarta a sexta (19h), sábados e domingos (18h)* Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

*Sessões especiais: tradução em Libras (12/8), audiodescrição (13/8), bate-papo com elenco e diretor (14/8)

Africana da Costa da Mina, escravizada e depois liberta, quitandeira em Salvador, Luiza Mahin é símbolo da resistência negra no Brasil escravocrata. O filho que ela perdeu aos sete anos, Luiz Gama, converter-se-ia em um dos maiores abolicionistas da história do país. Em 1880, numa carta ao jurista Lúcio de Mendonça, Gama a recriou ao descrever sua mãe como “suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram efeito”.

Em julho de 2025, as pesquisadoras Wlamyra Albuquerque e Lisa Castilho encontraram no Arquivo Público da Bahia documentos inéditos — testamento, escrituras, registro de batismo — que confirmam o vínculo entre os dois. Ao mesmo tempo, os achados lançam nova luz sobre a história: não há evidências de que Mahin tenha participado ativamente da Revolta dos Malês (1835) ou da Sabinada (1837), como a tradição passou a sustentar a partir de um romance de Pedro Calmon, um século depois dos fatos.

Sua prisão, acreditam as historiadoras, teria ocorrido no rastro do levante malê, quando a polícia baiana vivia em estado de alerta permanente, prendendo africanos sob qualquer pretexto. “Não duvidamos que Luiza tenha sido presa”, explica Wlamyra. “Mas não há nada que indique que ela tenha lutado nessas revoltas.” O silêncio dos arquivos, contudo, não apaga sua figura. Em 2019, Luiza Mahin foi inscrita no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria.

É essa força simbólica que a atriz Cyda Moreno coloca em cena a partir desta quinta-feira (6) no Teatro Correios Léa Garcia, no Centro. A montagem “Luiza Mahin... Eu ainda continuo aqui” retorna à cidade após cinco anos de circulação por dez cidades paulistas — de Arthur Alvim a Sorocaba, passando pelo Sesc Pinheiros — e por outras seis no interior fluminense. O reencontro acontece em sintonia com o Agosto Lilás, campanha nacional pelo fim da violência contra a mulher.

A dramaturgia de Márcia Santos tece dois fios: a carta de Luiz Gama sobre a mãe e testemunhos verídicos de mulheres que perderam filhos para o extermínio da juventude negra nas periferias brasileiras.

Cyda Moreno é o centro gravitacional da obra. Mineira, doutoranda pela UniRio e mestre em Ensino de Artes Cênicas, construiu trajetória teatral dando vida a figuras de forte densidade histórica e social — a escritora Carolina Maria de Jesus, que revelou as desigualdades das periferias em seus diários, e Nina Simone, símbolo da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos.



Na montagem, o legado de Luiza Mahin se reflete na trajetória de mães de jovens negros, ainda assolados pela violência institucional

A mãe da resistência

Após cinco anos em circulação, ‘Luiza Mahin... Eu ainda continuo aqui’ retorna ao Rio para denunciar o extermínio da juventude negra

“A personagem simboliza todas as mulheres negras que seguem lutando pela sobrevivência de seus filhos. O que está em cena é o presente do Brasil”

CYDA MORENO

Na televisão, tornou-se conhecida do grande público como Vó Yara na novela “Dona de Mim”, da TV Globo. Leciona numa escola pública da Mangueira, onde desenvolve projetos culturais e educativos. Quando fala da peça, não separa o palco da rua.

“É uma violência contra a mulher negra quando seus filhos são exterminados na periferia”, afirma. “Trazer Luiza Mahin de volta ao Rio, após cinco anos, é destacar que essa história não terminou e permanece viva na cidade carioca, sobretudo nos morros e favelas. A personagem simboliza todas as mulheres negras que seguem lutando pela sobrevivência

de seus filhos. O que está em cena é o presente do Brasil.”

A trajetória da montagem carrega marcas de um percurso deliberado. Nasceu como performance no Festival 2º Black, em 2020, ainda sob o título “Eu ainda continuo aqui”. Em março de 2021, em plena pandemia, estreou como espetáculo completo no Teatro Petra Gold, no Leblon, em formato duplo com “Luiz Gama: Uma Voz pela Liberdade”. Na ocasião, dois debates ampliaram o alcance da obra. O primeiro, on-line, reuniu a ativista Jurema Werneck, a dramaturga Leda Maria Martins, a pesquisadora Mônica Cunha e o curador

Guilherme Diniz. O segundo, presencial, trouxe Conceição Evaristo, Paulo Lins, Jeferson De, Isabel Fillardis e a historiadora Mônica Lima. Depois, a produção seguiu para o Teatro Laura Alvim e rumou a São Paulo e ao interior fluminense.

O elenco reúne Cyda Moreno, Márcia Santos, Tais Alves, Joe Jonathan e Marcia do Valle como atriz convidada. As vozes dos policiais ficam a cargo de Thelmo Fernandes, Marcelo Escorel e Gedivan de Albuquerque. Deo Garcez dá voz a Luiz Gama. A ficha técnica inclui ainda edição de vídeo de Madara Luiza, fotografia de Cláudia Ribeiro e assessoria de imprensa de Clóvis Corrêa.

A escolha do Teatro Correios Léa Garcia adiciona uma camada simbólica que a própria temporada não precisa anunciar em voz alta. O espaço, fechado desde 2018, foi reinaugurado em janeiro de 2024 com o nome da atriz carioca Léa Garcia (1933-2023), uma das primeiras mulheres negras a romper barreiras na

televisão e no cinema brasileiros, ligada ao Teatro Experimental do Negro de Abdias do Nascimento. A missão declarada da casa é se consolidar como polo de valorização do Teatro Negro e das tradições dos povos originários. Luiza Mahin, que o filho descreveu como formosa e cuja existência a pesquisa recente ajudou a confirmar com documentos de arquivo, encontra ali um espelho do que sempre foi: não uma relíquia do passado, mas uma voz que insiste em ser ouvida — no palco, nos morros, nas periferias. “O que está em cena é o presente do Brasil”, repete Cyda. E o presente não espera.

SERVIÇO

LUIZA MAHIN: EU AINDA CONTINUO AQUI
teatro Correios Léa Garcia (Rua Visconde de Itaboraí, nº 20, Centro)
De 6 a 29/8, quinta a sábado (19h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)



Scarlett Johansson e Miles Teller em 'Paper Tiger', que terá sessão em tributo a James Gray, em Locarno



Um festival de tributos

Repleto de honrarias a mitos como Isabella Rossellini e a gigantes autorais como Darren Aronofsky e James Gray, Locarno faz de sua seção de homenagens uma celebração industrial

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Homenagear artistas é uma das bossas de Locarno. Nenhum outro festival do seleto grupo das mais relevantes mostras de âmbito internacional (do qual fazem parte ainda Cannes, Veneza, Berlinale, Toronto, Roterdã, San Sebastián e Sundance) rende mais honrarias a estrelas e vozes autorais da direção do que a maratona cinéfila da suíça. Sua 79ª edição começa nesta quarta (5) com a promessa de sete troféus honorários. Um deles abre conexão com o Brasil: o realizador nova-iorquino James Gray.

Um de seus produtores mais constantes é Rodrigo Teixeira, da RT Features. Os dois filmaram "Paper Tiger" em 2025 e a produ-



'Ni Vue, Ni Connue' encerra o festival suíço, no próximo dia 15



'Green Porno - Fly, Snail, Worm, Anchovy, Shrimp, Squid' é estrelado e dirigido por Isabella Rossellini



Asia Argento em 'La Muerte No Tiene Dueño', da Venezuela

ção vem correndo telas desde maio, quando estreou na competição pela Palma de Ouro. É um dos títulos mais fortes para a corrida do Oscar de 2027, sobretudo na categoria

roteiro. No próximo dia 9, esse thriller com ambientação na década de 1980 passa na Piazza Grande, a praça central de Locarno, e, antes de sua projeção, Gray receberá a láurea

Pardo alla Carriera, como um reconhecimento de sua estética autoral. Dois outros longas dele mobilizarão aquela cidade: "Amantes" (2008) e "Donos da Noite" (2009), ambos com Joaquin Phoenix.

Giona A. Nazzaro, líder da comissão curatorial de Locarno, é malandro: desde que assumiu o posto, convida medalhões com cheiro de Oscar. Este ano, além de Gray, esse perfume cerca a belga Virginie Efira. Ela foi premiada em Cannes por seu desempenho em "Soudain", do artesão japonês Ryūsuke Hamaguchi, num empate com a colega de cena Tao Okamoto.

Virginie pôs a Croisette no bolso com sua atuação. Ela vive a diretora de uma instituição de acolhimento para idosos, Marie-Lou. Em sua rotina, ela procura implementar uma filosofia de cuidados baseada na escuta dos residentes e no respeito à sua dignidade, apesar da resistência de parte da equipa. O encontro com Mari (Okamoto), uma encenadora japonesa que enfrenta um câncer, muda o rumo de sua vida. À medida que uma amizade se fortalece, elas embarcam numa luta para tornar o impossível possível.

Locarno verá esse empenho delas no próximo dia 8, logo que a Virginie receber o Leopard Club Award.

Troféu mais ambicionado entre os mimos de honra dados por Locarno, o Pardo d'Onore ficará com Darren Aronofsky, que renovou sua grife de excelência, em 2025, ao lançar "Ladrões" ("Caught Stealing"). Dele passam "mãe" ("mother", 2017) e "A Fonte da Vida" ("The Fountain", 2006). Envolvido na direção de "Breakthrough", com Dwayne Johnson, o cineasta de 57 anos costuma ser mais lembrado

pelo sucesso de bilheteria "Cisne Negro" (2010), cujo orçamento não passou de US\$ 13 milhões, mas compensou-se com uma receita de US\$ 330 milhões. No entanto, para além desse feito, ele foi produtor do único longa-metragem que deu ao Brasil a Concha de Ouro do Festival de San Sebastián: "Pacificado" (2019), hoje na Disney+. Ganhou láureas ainda com "A Baleia" ("The Whale", 2022).

Desde a década de 1990, quando lançou "Pi" (1998), Aronofsky carrega a pecha de visionário... e sempre fez jus a ela. Ganhou um Leão de Ouro merecidíssimo em 2008, com "The Wrestler – O Luta-dor", com arrancou de Mickey Rourke a atuação de uma vida.

O diretor receberá seu Leopardo Honorário de Locarno no dia 14 de agosto, na Piazza Grande. "Minhas histórias falam de pessoas solitárias em volta de uma sina", disse Aronofsky ao Correio, num Zoom para divulgar "A Baleia". "Eu sou um realizador de filmes de baixo orçamento nos Estados Unidos. Um realizador que escolheu falar sobre os demônios internos das suas personagens, fascinado por figuras que me capturam por sua profundidade. Por meio da engenharia sonora do meu cinema, eu me conecto com a plateia a partir do aspeto mais sensorial da imagem".

Nesta quinta-feira, cogita-se que Isabella Rossellini estará na plateia da cópia restaurada de "Coração Selvagem" ("Wild At Heart", Palma de Ouro de 1990). Antes, nesse mesmo dia, ela exibe a antologia dos curtas-metragens sobre o mundo animal que dirigiu, "The (Many) Cinematic Worlds of Isabella Rossellini", recebendo, de lambuja, o Excellence Award.

Uma terceira atriz, que também é realizadora, será homenageada por Giona A. Azzaro e sua equipe: a italiana Asia Argento, que ganha o Life Achievement Award no próximo dia 13. Nessa data, o festival projeta seu trabalho mais recente, no elenco do thriller venezuelano "La Muerte No Tiene Dueño", de Jorge Thielen Armand.

No dia seguinte, 14/8, véspera do encerramento do festival, o maquiador Rick Baker ganha o Vision Award como um "muito obrigado" histórico por sua oscarizada façanha no terror pop "Um Lobisomem Americano Em Londres" ("An American Werewolf In London", 1981). Fecha o rol de ilustres a serem aclamados por Giona & cia. o produtor Sigurjón "Joni" Sighvatsson, que leva o Raimondo Rezzonico Award. É dele o .doc futebolístico "Zidane, Un Portrait Du 21ème Siècle" (2006), recauchutado digitalmente.

Locarno termina no dia 15, com a entrega de prêmios e a sessão da comédia "Ni Vue, Ni Connue", de Marc Fitoussi, com Isabelle Huppert e Sandrine Kiberlain. A diva vive uma aspirante a atriz que sonha contar com as dicas de Sandrine – uma coqueluche em Paris – para explodir em seu ofício.

O rugido das plataformas



Ganhadores dos Leopardos de Ouro de Locarno ganham a MUBI, a Amazon, a Reserva Imovision e até Netflix enquanto o festival deste ano zarpa na Piazza Grande da Suíça

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Tão logo a dupla de realizadores Fanny Liatard e Jérémy Trouilh suba no palco armado na Piazza Grande, o centro de Locarno, para comentarem a escolha de seu onírico “Les Yeux Verts” como longa-metragem de abertura do festival anual daquela cidade suíça, será iniciada a 79ª edição de uma das mais disputadas maratonas cinéfilas do mundo.

Pertencente ao clube seletivo de mostras competitivas de relevo do mundial (ao lado de Roterdã, Cannes, Veneza, Berlim e San Sebastián), o LIFF (Locarno International Film Festival) tem como sua menina dos olhos a briga pelo Leopardo de Ouro. O Brasil foi premiado com esse troféu faz pouco: em 2022. Nossa produção vencedora foi “Regra 34”, de Julia Murat. Um ano antes, ganhamos láurea de Melhor Curta, em 2021, com “Fantasma Neon”, de Leonardo Martinelli.

Desta vez, concorreremos com “A Margem do Rio”, de Matheus Farias e Enock Carvalho. Na mostra competitiva Cineasti del



Divulgação



Akis Bado/Divulgação

“Regra 34”, de Julia Murat, pode ser visto no Reserva Imovision

“Tóxico” (Akipleša), de Saul? Bliuvait?, ganhou o Leopardo de Ouro em 2024



Divulgação

“Medusa Deluxe” é um filme de suspense com bobs, laquê e tesouras, que se encontra na MUBI

Presente, voltada para primeiros e segundos longas, Ana Vaz bate ponto com “Hanabi” (“Fire Flower”), reafirmando sua posição entre as vozes mais experimentais da contemporaneidade. Diante desse quadro, acontece via streaming um esquentar em âmbito global para a seleção arquitetada pelo diretor artístico Giona A. Nazzaro, com a presença de ganhadores de anos recentes em diferentes plataformas digitais.

A MUBI, por exemplo, exhibe o vencedor do Leopardo de Ouro de 2024, que não conseguiu vaga

em nosso circuito exibidor: “Tóxico” (“Akipleša”), de Saule Bliuvaitė, lá da Lituânia. A produção gravita entre a perplexidade e a sororidade. Sua trama é áspera: sonhando em escapar da escuridão de sua cidade industrial lituana, Marija e Kristina, de treze anos, criam um vínculo único em uma escola de modelos local, mas a promessa de uma vida melhor faz com que essas duas adolescentes levarem seus corpos ao limite. O papel central, de Marija, é interpretado por Vesta Matulyte. Abandonada pela mãe, a menina é

obrigada a viver com a avó numa cidade industrial deprimente. Durante um confronto violento na rua, ela conhece a aspirante a modelo Kristina (Ieva Rupeikaitė). Buscando se aproximar dela, Maria se inscreve numa escola misteriosa que prepara meninas para o principal evento da região. A relação ambígua com Kristina e o ambiente intenso, com ares de culto, da instituição empurram Marija para um processo de auto-descoberta – e de implosão.

“Tóxico” senta praça num momento de euforia para os longos passados de Locarno em vários streamings ao alcance da cinefilia brasileira, como a Amazon Prime, que hoje exhibe o laureado longa de Murat e o cult “Zeros e Uns”, de Abel Ferrara, agraciado em 2021 com uma estatueta prateada de Melhor Direção no contorno dos Alpes.

Encantada com o fino trabalho de Nazzaro na curadoria de Locarno, a MUBI tá sempre trazendo para o seu cardápio as descobertas que ele faz por lá, como é o caso de “Medusa Deluxe”. Sua direção é assinada por Thomas Hardiman, uma promessa de renovação do audiovisual do Reino Unido, radicado em Londres.

Nesse filmaço de 2022, ele trata um universo de salão de beleza e moda como se fosse um “Velozes e Furiosos”, sem perder o bom humor jamais. Na trama, depois que um cabeleireiro é encontrado morto em um concurso de visagismo, os participantes restantes decidem descobrir quem é o assassino. Rivalidades e desconfiança crescem, enquanto um grupo de empenhados hairstylists suspeita que alguém está tentando fraudar a competição, eliminando competidores de forma macabra. É Agatha Christie com tesoura, escova e bobs.

Primeiro Leopardo de Ouro da Era Nazzaro, “A Vingança É Minha, Todos os Outros Pagam em Dinheiro” (“Seperti Dendam, Rindu Harus Dibayar Tuntas”) está na Netflix. Vinda da Indonésia, essa fita – uma joia – não teve espaço em circuito por aqui. Em seu enredo, Ajo Kawi (Marthino Lio) quebra ossos alheios por dinheiro, trabalhando para um chefe do crime, cujos desafetos ele extermina a soco. Numa missão em uma empreiteira, ele esbarra com uma jovem tão furiosa e letal quanto ele: Iteung (Ladya Cheryl). Os dois têm uma luta mortífera da qual Kawir sai todo quebrado, mas vencedor. Obcecado com a mulher que, por pouco, não o fez beijar a lona, ele vai atrás dela e os dois se apaixonam e se casam, apesar de o problema persistir.

Acerca do supracitado “Regra 34”: há com vê-lo no Reserva Imovision.

Além de “A Margem do Rio”, a competição deste Locarno reitera o prestígio conquistado por Giona junto ao cinema de autor mundial. Mesmo situado entre Cannes e Veneza no calendário internacional, o festival helvético conseguiu reunir nomes como o sul-coreano Hong Sangsoo, o canadense Denis Côté, o romeno Florin Serban, o indiano Gurvinder Singh, o italiano Salvatore Mereu e o luso-suíço Basil Da Cunha entre os concorrentes ao Leopardo dourado.

O júri será presidido pelo cineasta belga Fabrice Du Welz. Ao lado dele, na análise de cada título do certame central, estão o produtor Marco Alessi, as atrizes Lolita Chammah e Paulina García e o diretor-executivo do canal Arte Olivier Père.

Na tradicional Piazza Grande, montada ao ar livre para milhares de espectadores, será exibido o thriller “Paper Tiger”, de James Gray, produzido pelo brasileiro Rodrigo Teixeira. Gray será um dos homenageados desta edição, assim como Isabella Rossellini, Asia Argento, Rick Baker e Darren Aronofsky. Todos serão festejados na Piazza Grande, nas sessões Fuori Concorso, que receberão a estreia mundial de “Seize Moments de Ma Vie”, novo trabalho do catalão Albert Serra, que é um dos diretores mais badalados do momento.

CORREIO CULTURAL



Felix Dickinson

'Rosebush Pruning' chega aos cinemas em 15 de outubro

Karim Aïnouz anuncia data de novo longa

O filme "Rosebush Pruning", do diretor brasileiro Karim Aïnouz, estreia nos cinemas brasileiros em 15 de outubro, com uma pré-estreia no Festival do Rio, de 1 a 11 de outubro. Nas entrevistas de divulgação do trabalho, o realizador cearense vem classificando o roteiro como "bastante ousado".

No elenco estão nomes de peso como Pamela Anderson, Elle Fanning, Callum Tur-

ner, Riley Keough, Jamie Bell, Lukas Gage e Elena Anaya. Segundo a sinopse do longa, a narrativa gira ao redor de uma família branca norte-americana que vive em isolamento hedonista na Catalunha e corre atrás da validação uns dos outros.

O filme traz referências de moda e música pop para acrescentar na sátira absurda em torna de uma família de herdeiros.

O legado andino

A Casa Museu Eva Klabin realiza, em agosto, uma programação gratuita ligada à exposição "Nossa América", em cartaz até 6 de setembro, que também integra as celebrações pelos 31 anos da instituição. Nesta quinta-feira (6), às 19h, o professor Víctor Bretón apresenta "De qué nos hablan las huacas?", sobre os legados materiais e simbólicos das civilizações andinas. Os ingressos para a palestra podem ser retirados pelo site da instituição no link <https://11nq.com/duxa272>.

Bienal nas Escolas

Projeto social da Bienal do Livro, a Bienal nas Escolas leva nesta quinta (6) os autores Eliana Alves Cruz e Estevão Ribeiro a um encontro com estudantes do Colégio Estadual Hispano Brasileiro João Cabral de Melo Neto, no Méier, para conversar sobre a obra "Gênios da Nossa Gente".

Nova edição

A psicanalista e escritora Mônica Donetto Guedes lança nesta quarta (5), na Livraria da Travessa do BarraShopping, a 2ª edição revista e ampliada do livro "Em Nome do Pai, da Mãe e do Filho – Compreendendo a Relação Entre Adultos e Crianças", publicado pela INM Editora.

Massive Attack é banido de Singapura

A banda britânica Massive Attack foi banida de Singapura após exibir uma bandeira da Palestina durante um show. Singapura proíbe a exibição pública de qualquer bandeira, emblema nacional ou faixas estrangeiras sem autorização. Seus integrantes foram detidos, interrogados pela polícia e proibidos de voltar ao país. A banda descreveu o episódio como uma "experiência surreal".



Reprodução Instagram

Sempre em boa companhia

Um dos compositores mais gravados de sua geração, João Martins reúne convidados de peso em seu novo álbum

AFONSO NUNES

Tem sambista que conduz a carreira em linha reta, sem desviar do caminho traçado pela tradição. Afinal, em time que está ganhando não se mexe, diz o velho ditado. Mas João Martins não é desse time. Nas 14 faixas de "Beleza, Gente Boa!", seu quarto álbum, que chega às plataformas nesta sexta-feira (7), o compositor carioca costura um repertório que atravessa gerações e estilos sem pedir licença — do rap ao samba - com participações de peso: Zeca Pagodinho, Teresa Cristina, Mauro Diniz, Marina Íris, Xande de Pilares, Jorge Aragão e o rapper mineiro Djonga.

A trajetória de João começou nas rodas de samba cariocas, banjo a tiracolo, circulando por endereços nobres como o Cacique de Ramos, Renascença Clube e o Samba Luzia. Foi, porém, no concorrido Beco do Rato, na Lapa, que suas composições ganharam o destaque que hoje o credencia como um dos compositores mais gravados de sua geração — por vozes como Alcione, Diogo Nogueira, Mart'nália, Casuarina e Marcelo D2.

O novo disco, conta o artista, não nasceu de um plano fechado de participações. "A construção deste time de convidados foi feita em meio ao processo do disco, nada foi premeditado, a não ser os duetos com os meus parceiros nas canções", explica João, citando os encontros que dão o tom do álbum: Djonga em "Da rua pra lá", Xande de Pilares em "Arapuca", Jorge Aragão em "Será que Jorge vem?", Teresa Cristina em "Pingos nos Is" e o grupo Saideiras em "Corta pra nós dois". "Depois, fui pensando em quem tinha mais a ver com o repertório."

Samba é assunto de família na casa de João Martins. Filho do



Renan Prado/Divulgação

João Martins mostra seu talento autoral nos 14 sambas do repertório de 'Beleza, Gente Boa', que chega às plataformas nesta sexta (7)



Divulgação

cavaquinista e produtor Wanderston Martins — que assina arranjos e regências de "Beleza, Gente Boa!" —, o cantor teve no pai o produtor de seus dois primeiros trabalhos: "Juízo que dá Samba" (2009), com participação de Dona Ivone Lara, e "Receita pra Amar" (2012), que trouxe Moacyr Luz e Moyseis Marques como

convidados. Em 2020, veio "Suspiro", terceiro álbum da carreira, desta vez sob produção de Leandro Sapucahy.

Ao longo do caminho, João Martins também emprestou seu nome a projetos que ajudaram a documentar a memória do samba carioca, caso do DVD "Samba Social Clube" (2015) e da mostra "O Século do Samba", realizada no CCBB-RJ em 2016. Levou seu repertório a palcos fora do país — Estados Unidos, Argentina, Uruguai, Portugal — e, em 2019, subiu ao palco da Festa da Raça, no Rock in Rio.

É como compositor, no entanto, que João Martins constrói sua marca mais reconhecível: a de quem observa o cotidiano e o devolve ao público com lirismo, sem abrir mão do balanço que sustenta qualquer samba de respeito. O artista abre trilhas novas para o samba sem perder aquele pezinho no terreiro.

Grupo novo com músicos de (longa) bagagem

Matheus Montagner/Divulgação

Brado Trio estreia em disco com nove faixas autorais e turnê europeia em andamento

AFFONSO NUNES

Antes de existir fisicamente, o disco foi gestado nos palcos. Foi assim que o Brado Trio lançou seu primeiro álbum, “Trilhos do Vento”, com seu repertório testado diante de plateias italianas antes do lançamento oficial, marcado para o próximo dia 13. Formado por Ramon Montagner (bateria), Joseph Oliveira (contrabaixo) e Guilherme Ribeiro (piano), o Brado mediu a força deste trabalho em festivais como Ancona Jazz Festival, Arcevia Jazz Feast e Borghi in Jazz, além de concertos em Roma.

Nascido em 2025, o grupo propõe uma sonoridade que parte da música instrumental brasileira e desliza para o jazz contemporâneo e o pop alternativo, tudo muito orgânico. As nove composições inéditas,



O Brado Trio lança seu álbum de estreia no dia 13, após finalizar giro em palcos italianos

assinadas por Ribeiro e Oliveira, alternam densidade rítmica e contemporaneidade. “Piscou, Perdeu!” é um samba de pulso forte, onde piano, baixo e bateria dialogam com urgência. No outro extremo, “Daquilo que Habita em Nós” constrói um caminho introspectivo, com texturas que se transformam lentamente, quase imperceptivelmente. A faixa-título sintetiza a aposta do trio: equilibrar

a liberdade do improviso com o refinamento composicional, numa atmosfera modal que convida ao recolhimento.

O giro pela Itália tornou-se real depois que os músicos acompanharam a cantora italiana de jazz Susanna Stivali em apresentações em Belo Horizonte, São João del-Rey e São Paulo no ano passado. O trio pode ser novo, mas não a bagagem de

seus integrantes. Montagner traz mais de três décadas de pesquisa em ritmos brasileiros, colaborações com Johnny Alf e Hermeto Pascoal, autoria de livros sobre bateria nacional e o Prêmio Viola Smith, da plataforma Drumeo, em 2023.

Oliveira trilhou caminhos de enorme versatilidade tocando com Renato Teixeira e Negra Li. Doutorado pela Unicamp, Ribeiro par-

ticipou de shows e gravações com João Donato, Dominginhos, Paulo Moura, Céu e Titãs. Assina também a direção musical da Orquestra Anelo, projeto social sediado em Campinas.

Gravado no Estúdio Arsis, com gravação, mixagem e masterização de Adonias Júnior, “Trilhos do Vento” chega em formato digital pela Tratore.

CRÍTICA DISCO | BOROGODÓ

POR AQUILES RIQUE REIS*

Hoje trataremos de “Borogodó” (Kuarup), álbum do músico, violonista clássico e educador Octávio Deluchi. Natural de São João del-Rey (MG), foi na cidade de Prados que, por meio do violão, ele encontrou a trilha para a formação erudita.

Radicado em Nova York, o jovem Deluchi volta às origens para prestar tributo ao violão brasileiro de concerto, o que faz através de alguns compositores populares, numa demonstração de sabedoria explícita. Tal amplitude incondicional ajuda a desmistificar a “lenda” de que popular e erudito são incompatíveis – conflitantes é que não são, ora bolas! São todos frutos da árvore que alimenta a diversidade da nossa música.

Poucos instrumentos são tão brasileiros quanto o violão. Ele sintetiza a pluralidade do povo

Uma descoberta prazerosa

brasileiro: simples em sua sabedoria; cauteloso, mas surpreendente, em seu enfrentamento às tentativas de destituição de direitos conquistados a duras penas.

Desde a primorosa escolha do repertório, passando por improvisos inusuais, sonoridades plenas de criatividade e uma força descomunal nos arranjos, ouvir Deluchi tocar é um prazer! Uma sedução inspiradora a cada faixa.

“Toccata em Ritmo de Samba nº 1” (Radamés Gnattali): a obra de Radamés, compositor tão erudito quanto popular, propicia a Deluchi um desempenho arrebatador. Um dedilhado traz o arranjo, causando um suspiro no ouvinte, àquela altura estatelado.



Divulgação

“Serenata”, (Chiquinha Gonzaga): música que integra a burlata A Sertaneja, de Viriato Correia, de 1915, criada originalmente para canto e piano e posteriormente pensada na atual versão para violão, à qual Deluchi entregou sua

alma. Soando com a limpidez de um frasco de cristal, o arranjo tem tal finura que, com sua imensa beleza, comove. “Corta-Jaca” (Chiquinha Gonzaga): o ritmo vem aguçado pela puxada do violão; o arranjo de Deluchi tem um clima tão brasileiro que quase se pode pegar com a mão. “Bate-Coxa” (Marco Pereira): novamente o ritmo da obra impregna o violão que não nega fogo; um improviso vem aceso. “Luar do Sertão” (João Pernambuco & Catulo da Paixão Cearense) tem participação do Duo Aduar; os violões de Deluchi e Gabriel Guedez (DA), somados à viola de Thobias Jacó (DA), tocam em terças; os dois do Aduar, também em terças, cantam e agre-

gam riqueza a um trabalho que merece ser ouvido.

Atando tradição a contemporaneidade, fazendo do violão um guardador da cultura brasileira, Octávio Deluchi a torna ainda mais bonita do que já é, e diversa que só ela. Ouça o álbum em <https://l1nq.com/qwzmp0x>.

Ficha técnica

Octávio Deluchi: violão e edição; participação: Duo Aduar (Gabriel Guedez: violão e voz, e Thobias Jacó: viola caipira e voz); arranjos para temas de Chiquinha Gonzaga: Octávio Deluchi; arranjo para “Luar do Sertão”: Duo Aduar & Octávio Deluchi; engenheiro de som: Alexandre Andrés; mix & master: Alessandro Tavares; produção: Ricardo Gomes.

*Vocalista do MPB4 e escritor

CCBB RJ promove visita mediada à maior retrospectiva do artista mundialmente conhecido por sua obra com materiais reciclados e exibe o doc. 'Lixo Extraordinário', documentário que acompanhou seu trabalho no maior lixão da América Latina

AFFONSO NUNES

O pterossauro suspenso na Rotunda do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB RJ) CBB tem 8,20 metros de envergadura e é feito de polímero infundido com cinzas do Museu Nacional, destruído pelo incêndio de 2018. Lá embaixo, no chão, um tapete de dez metros de diâmetro estampa “Medusa Marinara”, obra em que Vik Muniz desenhrou o mito greco-romano com molho de tomate. Na entrada, em frente à bilheteria, uma Ferrari de mais de quatro metros e 650 quilos — reprodução em tamanho real de um carrinho Matchbox que o artista tinha na infância. São três dos 225 trabalhos que compõem “Vik Muniz – A Olho Nu”, a maior e mais abrangente retrospectiva já dedicada ao artista, em cartaz até 12 de outubro.

A exposição é um sucesso de público e nesta quarta-feira (5) ganha uma camada extra. Às 15h, o curador Daniel Rangel — que acompanha a trajetória de Muniz desde 1999 — conduz uma visita mediada pelo percurso expositivo, que ocupa a Rotunda, o térreo e todo o primeiro andar do CCBB. Completando a programação extra, às 18h, no Cinema I, haverá sessão única de “Lixo Extraordinário” (2010), documentário de Lucy Walker com codireção de João Jardim e Karen Harley e trilha sonora de Moby, indicado ao Oscar de melhor documentário em 2011.

O filme acompanha Vik Muniz em uma de suas aventuras mais ambiciosas. Durante quase três anos, o artista mergulhou no Jardim Gramacho, o maior lixão a céu aberto da América Latina — que funcionou de 1976 a 2012, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense

Para entender Vik Muniz



O catador Tião Santos em cena do documentário 'Lixo Extraordinário'...



... e o resultado da obra inspirada na imagem acima

—, onde cerca de 3 mil catadores de materiais recicláveis arrancavam a sobrevivência diária entre montanhas de detrito. Muniz não foi lá para fotografar o sofrimento alheio. Fez outra coisa: convidou os catadores para dentro do processo criativo. Tião, Isis, Zumbi e outros trabalhadores passaram a colaborar na montagem de retratos monumentais feitos com o próprio lixo do aterro — sucatas, plásticos, restos orgânicos decompostos em texturas pictóricas. As obras foram fotografadas e vendidas em leilões internacionais, e o dinheiro voltou para Gramacho sob forma de moradia, educação e infraestrutura.

O impacto foi duplo. Econô-

mico, sem dúvida: vidas mudaram. Mas também simbólico. Os catadores deixaram de ser figuras invisíveis da cadeia de descarte para se tornarem protagonistas de uma obra de arte reconhecida mundialmente. Tião, que no filme declara com firmeza “nós não somos catadores de lixo, somos catadores de materiais recicláveis”, tornou-se uma espécie de porta-voz de uma categoria. O documentário recebeu 29 prêmios em festivais como Sundance, Berlim e Estocolmo — quase todos por voto popular, o que diz algo sobre a capacidade da obra de tocar quem a vê.

“A retrospectiva é um passeio pela produção do artista, desde suas obras tridimensionais, criadas antes

do uso da câmera fotográfica, até suas séries de fotos mais conhecidas e as mais recentes”, destaca Rangel.

A versão carioca, que chegou ao Rio após circular por Recife e Salvador em 2025, foi ampliada com cerca de 20 trabalhos novos em relação às etapas anteriores, cinco deles criados especialmente para esta mostra em 2026. Entre os inéditos estão esculturas como “O segredo”, “Herói” — conjunto de dez peças em mármore escuro que remetem a pinos de boliche — e “Dardos”.

A exposição também incorporou seis séries ausentes das etapas anteriores. “Principia” (1997-2002) investiga o estatuto da verdade associado à imagem fotográfica por meio de um visor estereoscópico. “Verso” (2008/2012) desloca o olhar para o que permanece oculto: etiquetas, carimbos, vestígios de circulação institucional que narram a trajetória material da obra. “Veículos Mnemônicos” inclui a gigantesca Ferrari, vinda de Turim. “Museu de Cinzas” nasceu do incêndio do Museu Nacional: o artista recria imagens de artefatos da coleção usando cinzas recolhidas no local — como “Luzia” (2019), reconstituição do fóssil humano mais antigo do Brasil. “Colônias” (2014-2016), desenvolvida durante residência no MIT em colaboração com o biólogo Tal Danino, produz obras a partir de células vivas fotografadas por microscopia. E “Os Arquivos de Weimar”, inventário iniciado numa viagem à cidade alemã berço do Classicismo e da Bauhaus, em que Muniz mistura fotos de fotografias encontradas, fotos de documentos e imagens que ele mesmo produziu — cabendo ao

público tentar distinguir as reais das “de mentira”.

A série “Relicário” marca um ponto de virada na trajetória de Muniz. Nela, o artista explora intencionalmente a ambiguidade das matérias-primas: objetos reconhecíveis produzidos com materiais inesperados. Foi a partir dessa série que a fotografia entrou em sua vida — como ferramenta de documentação das esculturas — e acabou se tornando o núcleo de sua prática.

Nascido em São Paulo em 1961, filho de imigrantes do Ceará e de Minas Gerais, Vik Muniz mudou-se para Nova York aos 22 anos com apenas a passagem aérea e a determinação de ser artista. Hoje mantém ateliês em Nova York, Rio e Salvador, e suas obras integram acervos de instituições como o Centre Georges Pompidou, o Museo Reina Sofia, o Solomon R. Guggenheim Museum e a Tate Gallery. Foi nomeado Embaixador da Boa Vontade da Unesco, fundou a Escola Vidigal, no Rio, e abriu o Lugar Comum, galeria instalada no Mercado São Joaquim, em Salvador.

SERVIÇO

VIK MUNIZ - A OLHO NU

CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro)

Até 12/10, quarta a segunda (9h às 20h)

5/8, às 15h: Visita mediada com o curador Daniel

Rangel | 18: Exibição de “Lixo Extraordinário”

Entrada gratuita, com retirada de ingressos na bilheteria a partir das 9h ou pelo site www.bb.com.br/cultura